

EXCLUSIVE

feed & food

75 anos

PORTA-VOZ DA AGROINDÚSTRIA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL

CIQSULLI
EDITORES

WWW.FEEDFOOD.COM.BR

ANO 14 - Nº 160 - AGO 20

MOVIMENTO PODEROSO NO CAMPO

A PARTIR DE UMA GESTÃO MODERNIZADA E INCLUSIVA,
COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS VÊM DANDO GRANDES PASSOS NO PAÍS,
FUNCIONANDO COMO UM VETOR DE TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS E
OPORTUNIDADES PARA OS PEQUENOS E MÉDIOS PRODUTORES

RIO GRANDE DO NORTE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A DÉCADA 2020-2030

ITAMAR ROCHA

O Rio Grande do Norte foi o berço da carcinicultura marinha brasileira, cujo início remonta ao início dos anos 1970. Por muito tempo, ocupou a liderança brasileira da produção, produtividade e das exportações do camarão marinho cultivado. Mas, de repente, contrariando números e fatos que destacavam a extraordinária importância socioeconômica dessa atividade, deixou escapar esse mar de oportunidades – entre eles, conforme podemos ver na tabela, a geração de empregos.

Na verdade, num período de apenas 16 anos, por obra e graça da falta de prioridades e, claro, do envolvimento da sociedade organizada e das suas lideranças setoriais, foram perdidos milhares de empregos e um sem número de oportunidades de negócios no meio rural. O destaque fica por con-

ta da mão de obra feminina nas indústrias de processamento, afora uma receita de divisas entre 5,5 a 6,5 bilhões de dólares, num setor que utiliza águas salgadas, salobras e salitradas, afora terras improdutivas e mão-de-obra sem exigência de qualificação.

O Estado, com seus 52.811.126 km² e 400 km de costa, produziu 37.743 mil toneladas de camarão marinho cultivado em 2003. O Equador, com seus 256 mil km² e 600 km de costa, alcançou 74.5 mil t – sendo que, diferentemente deste país, o RN é bem servido de estradas, energia elétrica e possui uma localização geográfica privilegiada em relação aos mercados nacionais e internacionais (EUA e UE). Mas, no entanto, sua produção de camarão marinho cultivado foi reduzida para 26 mil t em 2019, enquanto as exportações despencaram

de 21.783 t (2004) para 0,0 t (2019).

Já o Equador, que não dispõe de energia elétrica e estradas, além do difícil acesso aos mercados internacionais no contexto de um mundo globalizado, elevou suas exportações de camarão marinho cultivado de pouco mais de 58 mil t (2003) para 635.222 mil t no ano passado (3,652 bilhões de dólares). Isso significa que se o Rio Grande do Norte tivesse mantido, no mínimo, o mesmo nível de crescimento do Equador, teria exportado 1,2 bilhão de dólares de camarão cultivado em 2019.

É importante considerar que os principais mercados importadores/consumidores de camarão (EUA, UE e Japão) serão sempre importadores. Afora o fato de que a China, principal produtor setorial e, bem recente, um destacado exportador, já ocupou a posição de principal país importador mundial



de camarão (720 mil t) em 2019, e mesmo a despeito da Covid-19, está projetando importar um milhão de toneladas em 2020. (Veja no gráfico a seguir)

Diante desses auspiciosos números, e considerando que o RN detém excepcionais condições edafoclimáticas, infra-estruturais e uma vasta disponibilidade de áreas com potenciais de exploração (70 mil a 100 mil ha) no litoral norte, dos quais explora pouco mais de 7 mil ha, afora o fato de contar com sólidos fundamentos, no tocante a laboratórios de maturação e produção de pós-larvas, bem como indústrias de processamento do camarão, colocam o Estado numa posição privilegiada para, num curto espaço de tempo, atrair a atenção de investidores e voltar a crescer, com condições inclusive de reassumir a liderança setorial.

Nesse contexto, recentemente, algumas iniciativas já começaram a apontar novos caminhos para a carcinicultura marinha potiguar. Tanto nas explorações das áreas costeiras, utilizando as abundantes mas pouquíssimo utilizadas águas oceânicas, como das áreas interiores, com águas mesohalinas do “Aquífero Jandaíra”, cujos destaques são, sem dúvidas, a capacidade de atrair capital e as empresas detentoras de tecnologias nacionais e internacionais, para ampliar essas promissoras e importantes iniciativas.

Por outro lado, afora seus inúmeros predicados naturais, o Estado tem como atrativos sua posição geográfica privilegiada em relação aos mercados dos EUA e UE, pelo que, sem a menor dúvida, a carcinicultura marinha potiguar, com um mínimo de atenção e incentivo, poderá em curto espaço de tempo contribuir para uma nova revolução no seu meio rural litorâneo e interiorano, proporcionando vida com inclusão social e dignidade, com reais possibilidades de estabelecer uma ordem econômica suficientemente forte para reverter o seu crescente êxodo rural.

Evidentemente que, mesmo sem dispor ainda do apoio de empresas âncoras, e com a grande maioria dos seus produtores classificados na categoria de micros e pequenos (75%), sequenciados por médios (20%) e grandes (5%), num total de 450 empreendimentos explorando 7 mil ha, a região produziu 26 mil t e gerou 26 mil empregos, fazendo com que a cadeia produtiva da carcinicultura potiguar faturasse 850 milhões de reais em 2019.

Por outro lado, quando se verifica que embora a participação do mercado interno brasileiro no destino do camarão cultivado no período de 2003

TABELA

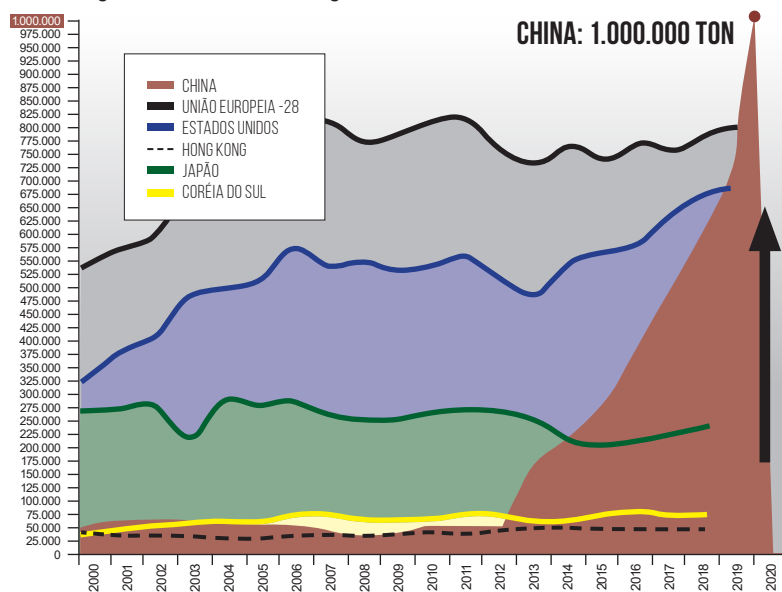
CONTRIBUIÇÃO DA CARCINICULTURA MARINHA PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS

MUNICÍPIO	PEA	EMPREGO TOTAL GERADO PELA CARCINICULTURA	% DA PEA	EMPREGO DA CARCINICULTURA NA RAIS (%)	PARTICIPAÇÃO DA RECEITA TRIBUTÁRIA (%)
CAJUEIRO DA PRAIA (PI)	3.559	442	12,4	91	30
ACARAÚ (CE)	27.240	1.831	6,7	13	10,1
ARACATI (CE)	37.376	3.657	9,8	22	11,7
CANGUARETAMA (RN)	15.103	1.935	12,8	20	ND
PENDENCIAS (RN)	7.010	2.169	30,9	48	14,5
PORTO MANGUE (RN)	2.393	825	34,5	33	58,2
GOIANA (PE)	44.980	629	1,4	6	3,3
ITAPISSUMA (PE)	12.359	352	2,6	11	2,8
VALENÇA (BA)	47.409	995	2,1	13	3,3
JANDAÍRA (BA)	5.427	583	10,7	63	25,6

Fonte: Sampaio & Sampaio (2004). Receitas Tributárias em Municípios Selecionados do Nordeste Brasileiro - 2003

GRÁFICO

PROJEÇÃO DE IMPORTAÇÃO DE CAMARÃO EM 2020



Fonte: FAO, Goal, GSMS (2019)

a 2019 tenha crescido de 22% para 100%, em realidade, o consumo (0,58 kg per capita) de camarão no Brasil em 2019, comparado com o de carne vermelha (55,42 kg), de aves (42,12 kg) e pescado (9,6 kg) foi muito baixo. Basta ver que o consumo dos EUA (2,2 kg), China (2,6 kg) e México (1,6 kg) não deixam dúvidas de que existe uma demanda reprimida no mercado interno de, pelo menos, 300 mil t/ano.

Diante desses números e cenários, mesmo reconhecendo a importância e o interesse no mercado internacional, não restam dúvidas sobre as amplas oportunidades para o camarão culti-

vado brasileiro no mercado interno, especialmente quando se leva em conta os preços praticados nas fazendas e os benefícios nutricionais do camarão para a saúde dos seus consumidores, notadamente para o fortalecimento do sistema imunológico, reduzindo os riscos de ataques cardíacos e combatendo o Alzheimer. Ou seja, existe um “mar de oportunidades” a ser explorado. ■

ITAMAR PAIVA ROCHA

Presidente da ABCC, diretor do DEAGRO/Conselheiro do COSAG (FIESP) e presidente da MCR Aquicultura